

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: JOGOS E BRINCADEIRAS UMA POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM

Bianara da Silva Franco (Autora), Francisco Marcos da Silva (Co-autor), Iandra Fernandes Pereira Caldas (Orientadora)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN/bianarafranco@outlook.com,

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/marcosguardanoturno@hotmail.com,

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/iandrafernandes@hotmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta-se como resultado de experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado I, onde se buscou levar atividades lúdicas, jogos e brincadeiras para as crianças, bem como formas de mediação da leitura para que os educandos pudessem desenvolver seu processo de ensino e aprendizagem. Partimos das leituras de pesquisadores que abordam essa temática, tais como: Jean Piaget (1971), Lev Vygotsky (1998), Henry Wallon (1989) e o Referencial Curricular da Educação Infantil e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Inicialmente iremos discutir sobre o estágio supervisionado na educação infantil, depois sobre algumas contribuições dos jogos e das brincadeiras para o desenvolvimento da criança, logo após iremos relatar nossas experiências. Dessa forma, conclui-se que diante da experiência vivenciada durante o Estágio Supervisionado I podemos afirmar a importância da utilização dos jogos e brincadeiras como estratégia de aprendizagem para as crianças da Educação Infantil, estes são facilitadores do processo, no qual a criança está se desenvolvendo e constituindo sua identidade.

Palavras-chave: Jogos. Brincadeiras. Processo de ensino- aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Educação Infantil durante muitos anos foi guiada por uma concepção assistencialista, onde o foco estava centrado apenas no cuidar. As crianças eram deixadas nas creches, onde passavam o dia todo para que seus pais pudessem ir trabalhar. Mas, com o passar do tempo, esta realidade foi ganhando outra modelagem, a caminho de uma concepção de prática pedagógica mais integradora. Partindo da Constituição Federal de 1988 e do Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, destaca-se que a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 inseriu a Educação Infantil como a primeira etapa da educação básica. Tendo como finalidade o desenvolvimento social e bem estar da criança, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social.

O jogo e as brincadeiras fazem parte desse mundo educacional, sendo que por meio deles a criança irá se descobrir, desenvolver a sua criatividade, explorando a sua realidade. A criança irá criar situações em que ao mesmo tempo em que ela realiza, constrói, dessa forma, adquirindo conhecimento.

De acordo com Lima (1992), o brincar para a criança é como fonte de lazer, que traz conhecimentos sendo parte integrante das atividades educativas, pois o brincar possibilita o processo de desenvolvimento e aprendizagem. Para Friedmann (1996) “o jogo é a atividade essencial das crianças e seria interessante que contribuísse um dos enfoques básicos para o desenvolvimento dos programas pré-escolares.”

Partindo desta premissa, o objetivo desse trabalho é compreender a respeito da importância das atividades lúdicas para o desenvolvimento das crianças e trazer algumas ideias que deram certo a partir da prática do estágio supervisionado I. O lúdico é uma ferramenta indispensável no processo de construção de conhecimento. Através deste, a criança pode aprimorar suas habilidades manuais e motoras, caminhando lado a lado com os outros meios de ensino e a união de ambos é de suma importância para a concretização do aprendizado.

Foram utilizados para a construção desse trabalho procedimentos metodológicos tais como: pesquisa bibliográfica e relatos da experiência. Com isso pretendemos demonstrar como o uso dos recursos lúdicos pedagógicos podem subsidiar a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças.

ESTAGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O estágio supervisionado é o nosso primeiro contato com a realidade que iremos trabalhar. É natural que ao iniciarmos uma licenciatura sintamos que não estamos preparados, que não iremos saber desenvolver atividades adequadas para determinada faixa etária, que não conseguiremos ter domínio de classe. São muitas as inseguranças. Ao passar do tempo e com a chegada desta etapa acadêmica é que vamos ao poucos deixando esses medos de lado.

Durante a licenciatura vamos nos desenvolvendo, conhecendo várias teorias, adquirindo conhecimento valiosíssimos para a nossa formação. Chega o momento em que iremos analisar se realmente essa é a profissão que se deseja, ou se é hora de trilhar outros caminhos. O estágio é o momento em que iremos levar para a sala de aula os conhecimentos teóricos adquiridos na graduação. E é lá que também iremos adquirir mais conhecimentos, confrontar o que foi aprendido com a realidade escolar.

Passerini (2007) afirma que:

O Estágio Curricular Supervisionado [é] aquele em que o futuro profissional toma o campo de atuação como objeto de estudo, de investigação, de análise e de interpretação crítica, embasando-se no que é estudado nas disciplinas do curso (p. 30).

Dessa forma podemos ver que o estágio é uma ferramenta que contribui para a formação do professor, pois ao mesmo tempo em que se colocam em prática os conhecimentos adquiridos na graduação, é também uma oportunidade de refletir sobre as práticas educativas, sobre a forma de trabalhar, questionar, desenvolver o senso crítico.

Para Andrade (2005) o estágio é uma parte importante do currículo, pois é aí que o aluno graduando vai assumir sua identidade profissional, vai ter compromisso com a comunidade escolar e, conseqüentemente desenvolver a competência necessária para desempenhar o papel de educador. Assim, o estágio supervisionado proporciona ao licenciado o domínio de instrumentos teóricos e práticos imprescindíveis à execução de suas funções.

É importante que os futuros educadores estejam em constante transformação, seja na maneira de pensar, agir ou sentir, para assim, acompanhar as mudanças que ocorrem a sua volta e o estagio vem possibilitar isso. É imprescindível ainda que haja uma integração na educação, integração esta que não deve ocorrer somente entre professor e professor, mas entre professor e estagiário, para que o mesmo possa desenvolver seu trabalho de forma segura.

O trabalho do educador tem de ser voltado para o desenvolvimento de todas as partes, do professor enquanto mediador do conhecimento, do aluno enquanto sujeito da aprendizagem. O aluno deve ser visto como sujeito em construção, e o educador deve transmitir com segurança os conhecimentos necessários para essa construção.

O JOGO E A BRINCADEIRA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

O jogo e a brincadeira são de suma importância para o desenvolvimento da criança. Eles proporcionam um rico material pedagógico, no sentido de serem facilitadores da aprendizagem. É por meio das brincadeiras que as crianças fantasiam e criam o seu próprio universo. O brincar, além de ser um instrumento facilitador da aprendizagem influencia nas áreas do desenvolvimento infantil: afetividade, criatividade, inteligência, motricidade e sociabilidade. Para Vygotsky (1998) os jogos e as atividades artísticas promovem o desenvolvimento individual da criança e uma boa aprendizagem. Através destes, a criança desenvolve alto confiança, estimula a criatividade, aprende a agir.

Para Huizinga o jogo é:

Uma atividade voluntária realizada dentro de alguns limites de tempo e espaço, através de regras livremente consentidas, porém obrigatórias, dotadas de um fim em si mesmo, guiadas por sentimento de tensão e alegria e de uma consciência, de ser diferente da vida cotidiana (1993, p.16).

Ainda de acordo com esse autor, o jogo faz parte de todas as fases do indivíduo. E além de propiciar o prazer e a alegria, o jogo também é um meio pelo qual se erra e, esses erros devem ser considerados importantes para a criança, pois além de aprender, ela ainda vai se sentir motivada a querer jogar para acertar e/ou para ganhar.

Partindo para o meio educacional, o jogo recebe uma nova denominação, ele passar a ser chamado de jogo educativo. De acordo com Kishimoto (2003) há uma busca no campo educacional pela conciliação da liberdade dos jogos com a orientação dos processos educativos. O que o autor quer dizer é que essa junção é difícil, pois ambos são contraditórios. Mas se pensarmos o jogo como algo que além de ser significativo para a criança, também é um importante aliado para auxiliar no processo de ensino, chegaremos à conclusão de que essa junção pode ser significativa para todos.

Wallon realizou importantes pesquisas em relação ao desenvolvimento infantil. Para ele, o desenvolvimento da inteligência depende das experiências oferecidas pelo meio e o grau de apropriação que o sujeito faz delas. O autor destaca que:

O adulto batizou de brincadeira todos os comportamentos de descoberta da criança. Os adultos brincam com as crianças e é ele inicialmente o brincado, o expectador ativo e depois o real parceiro. Ela aprende, a compreender, dominar e depois produzir uma situação específica distinta de outras situações (2004,p.98).

Ou seja, para Wallon, todas as descobertas que a criança faz se dá através da evolução mediante ao seu comportamento, onde a criança vai superar a fase de expectador, tornando-se um parceiro ativo do adulto.

Piaget classificou o jogo em três tipos: jogos de exercícios, os jogos simbólicos e os jogos de regras.

O jogo de exercício surge no período sensório-motor, de 0 a 2 anos, onde as ações das crianças sobre os objetos são por puro prazer. Ela acomoda e assimila a realidade à sua volta e com isso, vai executando ações mentais, produzindo e reproduzindo esquemas que darão início às suas primeiras manifestações lúdicas que se transformam em jogos. O jogo simbólico surge no período pré-operatório, de 2 a 7 anos, onde a criança já é capaz de reproduzir um esquema, realizando combinações mentais, e aplicá-lo simbolicamente a novos objetos. Nessa fase surge o símbolo lúdico, que se transforma em esquema simbólico, no qual a criança é capaz de utilizar um objeto como símbolo de outra coisa dando início ao faz-de-conta. O jogo de regras surge no período operatório concreto, de 7 a 11 anos, onde se inicia a cooperação e o raciocínio lógico. É nesse

período que o jogo de regras se constitui como uma atividade do ser socializado, prolongando-se durante toda a vida da criança.

De acordo com Vygotsky, o sujeito se constitui nas relações com os outros por meio de atividades caracteristicamente humanas, que são mediadas por ferramentas técnicas e semióticas. Nesta perspectiva, a brincadeira infantil assume uma posição privilegiada para a análise do processo de constituição do sujeito. Para Vygotsky, sempre que brinca, a criança cria uma situação imaginária na qual assume um papel, que pode ser, inicialmente, a imitação de um adulto observado. Assim, ela traz consigo regras de comportamento que estão implícitas e são culturalmente constituídas. Num momento posterior, a criança se afasta da imitação e passa a construir novas combinações e, também, novas regras. Nesse sentido, a experiência social exerce papel dominante através do processo de imitação.

Vygotsky (1998) define a brincadeira como criadora de uma “zona de desenvolvimento proximal”.

O brinquedo cria na criança uma zona de desenvolvimento proximal, que é por ele definida como a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (p.112).

Dessa forma, para Vygotsky o nível de desenvolvimento real refere-se a tudo aquilo que a criança já aprendeu e que é capaz de realizar sozinha sem a interferência de um adulto ou de uma criança mais experiente. Já a zona de desenvolvimento proximal refere-se aos processos mentais que estão em construção na criança, ou que ainda não amadureceram. A brincadeira é, assim, a realização das tendências que não podem ser imediatamente satisfeitas. Nesse sentido, a brincadeira representa o funcionamento da criança na zona proximal e, portanto, promove o desenvolvimento infantil.

REFLETINDO SOBRE A PRÁTICA

Com o intuito de ilustrar as contribuições que o Estágio Supervisionado I proporcionou, no tocante aos jogos e brincadeiras e a nossa formação, iremos relatar a nossa experiência.

O estágio I aconteceu na Creche Municipal Criança Feliz, na turma do pré III e se dividiu em três semanas, sendo que a primeira semana foi de observação, as duas últimas foram de regência. Na primeira semana observamos a desenvoltura, metodologia e como era a prática da professora regente. Anotávamos todas as observações, pois estas seriam de grande valia para quando fossemos atuar em sala nas duas semanas de regência. Alguns questionamentos surgiram

como o espaço da sala, o desenvolvimento das crianças mediante as atividades aplicadas, os tipos de jogos e brincadeiras que poderiam ser aproveitados. A partir dessa realidade, planejamos o que seria adequado para a faixa etária destas crianças.

Nas duas semanas de regência trabalhamos com os seguintes temas:

- ✓ A convivência em grupo e o respeito às diferenças, onde as crianças produziram um cartaz com imagens de “pessoas diferentes”, que elas mesmas cortaram e colaram.
- ✓ As formas geométricas, onde levamos uma caixinha com muitas formas e as crianças de olhos vendados tiravam uma forma e teria que dizer qual foi.
- ✓ Oralidade e escrita por meio da contação de história. Contamos a história de Chapeuzinho amarelo. Em seguida pedimos para que as crianças fizessem o reconto, mostrando assim o que elas aprenderam da história. Logo após as crianças pintaram as mascaras do lobo e da chapeuzinho e foram brincar.
- ✓ As cores. Lemos uma poesia sobre as cores e as apresentamos as crianças por meio de balões coloridos. Logo após realizamos um bingo dos nomes. Esse jogo é interessante, pois além de exercitar a atenção, as crianças também iriam por em prática a escrita.
- ✓ O trânsito. Nesta aula levamos as principais placas de trânsito que nós mesmos confeccionamos para que as crianças pudessem identificá-las e falar da sua importância. Depois as crianças produziram um pequeno semáforo que elas mesmas coloriram;
- ✓ Os sentidos. Nesta aula explicamos a importância de cada um dos sentidos e fizemos uma dinâmica da caixa. Com os olhos vendados, cada criança iria sentir o cheiro, comer algo, ouvir um som e sem a venda, as crianças teria que identificar algumas imagens.

Observando que a rotina da professora era adequada e eficaz para a organização da turma, seguimos essa mesma rotina. Demos continuidade as brincadeiras ao final da aula e acrescentamos os jogos e as brincadeiras que elaboramos, tais como: Jogo da memória, bingo dos nomes, jogo da velha, morto vivo, cabra cega, batata quente.

A partir dessa experiência do estágio, pudemos perceber que a prática nos possibilitou vivenciar momentos únicos ao lado das crianças. Ela nos motivou a ir mais além, a buscar, refletir e ver que na verdade os maiores beneficiados não são só as crianças, mas nós. É ainda um meio pelo qual aprendemos e somamos mais conhecimentos para a nossa formação enquanto futuros pedagogos.

Vemos o quão é importante a união dos jogos e das brincadeiras para o melhor aproveitamento da aula e para constituir um aprendizado significativo, pois estes além de ser prazeroso para a criança são ainda agentes facilitadores da aprendizagem. Não foi surpresa para nós encontrar pontos negativos. Assim como toda instituição escolar, a Creche Criança Feliz tinha algumas limitações para realizar seu trabalho em relação ao espaço físico da escola, disposição de materiais e suportes pedagógicos. Mas nada que impedisse a realização das aulas e o desenvolvimento das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da experiência vivenciada durante o Estágio Supervisionado I podemos afirmar a importância da utilização dos jogos e brincadeiras como estratégia de aprendizagem para as crianças da Educação Infantil, estes são facilitadores do processo, no qual a criança está se desenvolvendo e constituindo sua identidade. O educador deve investigar e instigar seus alunos utilizando-se do maior número possível de recursos pedagógicos com o intuito de estimular a aprendizagem.

Acreditamos que, para o estágio se constituir como agente que contribui para a formação do professor, é preciso que este o veja como instrumento de vivência das teorias aprendidas na graduação e não como uma simples obrigação em que não se tem compromisso, aonde o estagiário só vai à escola para constatar que ele está lá. A verdade é que o estágio é um compromisso que assumimos com a universidade, com a escola e principalmente com nós mesmos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Arnon Mascarenhas de Andrade. O Estágio Supervisionado e a Práxis Docente. In: SILVA, Maria Lucia Santos Ferreira da. (Org.). **Estágio Curricular: Contribuições para o Redimensionamento de sua Prática**. Natal: EdUFRN, 2005. Disponível em: www.educ.ufrn.br/arnon/estagio.pdf; acesso em: 04 dez. 2015.

BRASIL. **Diretriz Curricular Nacional da Educação Infantil**. Brasília, 1996.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** (MEC) volume I, 1998.

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar: crescer e aprender: o resgate do jogo infantil**. São Paulo: Moderna, 1996.

Huizinga, Johann: **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1993.



LIMA, Elvira Cristina Azevedo Souza de. **A Utilização Do Jogo Na Pré- Escola**. Série ideias, FDE. 10. ed. São Paulo: 1992.

KISHIMOTO, Tizuko M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo, SP: Pioneira, 2003.

PASSERINI, Gislaine Alexandre. **O estágio supervisionado na formação inicial de professores de matemática na ótica de estudantes do curso de licenciatura em matemática da UEL**. 121f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina: UEL, 2007.

_____. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

PIAGET, J;

WALLON, H. **Origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manda, 1989.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. SÃO PAULO, SP: Martins Fontes, 1998.

.